

**As carências materiais das escolas-classe de Brasília no jornal Correio Braziliense  
(1961-1969)**

**The material needs of Brasília's class schools in the newspaper Correio Braziliense  
(1961-1969)**

Juarez José Tuchinski dos Anjos<sup>1</sup>

**Resumo:**

O objetivo é investigar as denúncias sobre as carências materiais das escolas-classe de Brasília, conforme veiculadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense*, entre os anos de 1961 e 1969. Metodologicamente, foram consultadas as edições do *Correio Braziliense* da década de 1960 disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para o estudo em tela, selecionaram-se aquelas ocorrências em que o assunto eram as carências materiais das escolas-classe de Brasília. Foram identificadas duas ordens de carências: as de caráter estrutural, nos espaços escolares e as carências materiais no interior das escolas. Em termos estruturais, particularmente no Bairro da Asa Norte, as escolas-classe enfrentavam problemas como falta de vidros, buracos no seu entorno e falta de reparos nos edifícios escolares em funcionamento. No que toca às carências do interior das escolas, no bairro da Asa Sul, faltavam telefones, papel, cadeiras e carteiras, o que tornava desafiador o exercício da profissão docente e o processo de escolarização primária em vários momentos ao longo da década de 1960. Por meio de suas denúncias, o *Correio Braziliense*, mais do que registrar tais acontecimentos, parece ter procurado sensibilizar as autoridades para que dessem solução às carências materiais das escolas-classe que de tempos em tempos tingiam suas páginas.

**Palavras-chave:** História da Educação; Cultura Material Escolar; Brasília; Escolas-Classe.

**Abstract:**

The objective is to investigate complaints about the material deficiencies of Brasília's class schools, as published in the pages of the newspaper *Correio Braziliense*, between the years 1961 and 1969. Methodologically, editions of *Correio Braziliense* from the 1960s available in the Hemeroteca Digital of the National Library were consulted. For the study in question, those incidents were selected in which the subject was the material needs of the class schools in Brasília. Two types of deficiencies were identified: those of a structural nature, in school spaces and material deficiencies within schools. In structural terms, particularly in the Asa Norte neighborhood, class schools faced problems such as lack of glass, holes in their surroundings and lack of repairs to school buildings in operation. With regard to the lack of facilities inside the schools, in the Asa Sul neighborhood, there was a lack of telephones, paper, chairs and desks, which made the exercise of the teaching profession and the process of primary schooling challenging at various times throughout the 1960s. Through its denunciations, *Correio Braziliense*, more than recording such events, seems to have sought to sensitize the authorities so that they could provide a solution to the material needs of the class schools that from time to time colored its pages.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação, na área de História e Historiografia da Educação (UFPR). Professor da Universidade de Brasília (Brasil) atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional. Líder do GRUPHE-UnB/CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816> E-mail: juarezdosanjos@unb.br

**Keywords:** History of Education; School Material Culture; Brasilia; Class Schools.

## **Introdução<sup>2</sup>**

A inauguração de Brasília como nova capital em 1960 deu ensejo, em termos educacionais, ao ensaio de uma proposta pedagógica considerada inovadora, pensada pelo educador Anísio Teixeira, então, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Anjos, 2022a). Tal proposta, consignada no documento intitulado “Plano de Construções Escolares de Brasília” (Teixeira, 1961), previa o funcionamento de um sistema de ensino que iria do jardim de infância à Universidade, passando pelo ensino primário e secundário. O ensino primário, de modo especial, deveria ser integral, através da articulação do par “escola-classe” e “escola parque”. Na primeira, em um turno, os estudantes aprenderiam os conteúdos convencionais do ensino elementar; na segunda, em contraturno, receberiam educação física, artística e manual. Passariam oito horas diárias na escola. (Teixeira, 1961).

A implantação deste sistema de ensino esteve a cargo, inicialmente, da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a NOVACAP, que contava com um setor educacional. Depois, às vésperas da inauguração (fins de 1959), a tarefa foi transmitida à Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, a CASEB. A partir de meados de 1960, a função passou para a recém-criada Fundação Educacional do Distrito Federal (Moraes, 2019). Uma das principais responsabilidades destes órgãos foi a construção de escolas e seu provimento material, para que pudessem, assim, funcionar e materializar a proposta de Anísio Teixeira para a nova capital.

Na prática, no que diz respeito ao ensino primário, o processo foi complexo e perpassado por diversas contradições. Poucos jardins de infância foram construídos na primeira década do sistema educacional de Brasília (Pinto; Müller e Anjos, 2018; Pinto; Müller e Anjos, 2022). Somente uma escola parque foi colocada em funcionamento no mesmo período, atendendo apenas cinco escolas-classe (Martins, 2011; Wiggers, 2023) e a demanda por matrículas nas escolas-classe manteve-se muito além da oferta, já que o número de escolas criadas se revelou

---

<sup>2</sup> O artigo apresenta resultados da pesquisa “História das Culturas Escolares em Brasília (1960-1971)” e contou com apoio financeiro da Universidade de Brasília através do Edital DPI/DPG 04/2024.

insuficiente (GDF, 2001)<sup>3</sup>. Diante desse quadro, não demoraram a surgir na imprensa local críticas às limitações do sistema de ensino em implantação (ANJOS, 2022b), que, mais do que desqualificar a rede escolar, reclamavam fidelidade ao plano educacional.

Diante do exposto, fazendo um recorte numa pesquisa mais ampla em desenvolvimento, este artigo, de caráter historiográfico, tem por objetivo investigar as denúncias sobre as carências materiais das escolas-classe de Brasília, conforme veiculadas nas páginas do jornal diário *Correio Braziliense*, entre os anos de 1961 e 1969 (datas balizadoras dentro das quais foram encontradas referências a esse fenômeno no periódico).

As denúncias sobre as carências materiais das escolas-classe nos remetem à chamada cultura material da escola, que podemos definir enquanto o repertório de elementos materiais (como edifícios, espaços arquitetônicos, móveis) e pedagógicos (os materiais escolares diversos e específicos, que variam conforme a época) necessários como suporte concreto para que o processo de escolarização aconteça. Logo, a falta desses materiais atrapalha quando não impede a realização da tarefa da instituição escolar.

O jornal *Correio Braziliense*, a fonte eleita para esta investigação, começou a circular na mesma data da inauguração de Brasília, 21 de abril de 1960, “como mais um braço do maior conglomerado de mídia de então, os *Diários Associados*, presididos pelo empresário de comunicação Assis Chateaubriand” (Anjos, 2022c, p. 43). Acerca da ideologia do seu projeto editorial

O *Correio* nunca teve uma posição ideológica exclusiva, mas alinhada à dos *Diários Associados*. Isso significa, em termos nacionais, segundo os estudos de Glaucio Carneiro (1999), que esteve em alguns momentos favorável ao nacional-desenvolvimentismo de JK, em confronto com o populismo de João Goulart e abertamente pró-militares a partir do golpe de 31 de março de 1964 (embora com alguns recuos quando das investidas destes sobre os interesses comerciais dos *Associados* em meados da década) (Anjos, 2022c, p. 44).

Uma especificidade do *Correio Braziliense* no quadro dos *Associados*, segundo Ana Morelli (2002) foi a defesa que fez, na década de 60, da permanência da capital no Planalto Central e das necessidades da cidade em formação. Assim, apesar de ser considerado “chapa branca” “oficialista, porta-voz dos interesses dos governos locais e federal” conseguiu

---

<sup>3</sup> O Plano Educacional de Anísio Teixeira previa a existência de uma Escola-Classe e um Jardim de Infância em cada superquadra de Brasília bem como uma Escola Parque para cada conjunto de quatro superquadras. Até hoje esse plano não se realizou em sua integralidade, não se verificando em grande parte das quadras da capital a existência de todos desses equipamentos educacionais.

“desenvolver uma empatia com os leitores, mesmo nos períodos mais governistas, muito em função da falta de concorrência de peso de outros veículos locais impressos” (Morelli, 2002, p. 9). Essa preocupação do diário de “oferecer ao leitor um jornalismo de serviço com caráter informativo” (Morelli, 2002, p. 51) fez com que, dentre as demandas para a consolidação da cidade que ele defendia ou problematizava, estivessem aquelas relativas às carências materiais das escolas-classe, razão pela qual seu testemunho é aqui interrogado.

Em termos metodológicos, foram consultadas as edições do *Correio Braziliense* da década de 1960 disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A pesquisa no periódico, seguindo o método onomástico de Carlo Ginzburg (1991), foi feita perseguindo o “fio do nome” da palavra-chave “escola”. A busca retornou mais de 15 mil ocorrências, que foram lidas uma a uma até se chegar no *corpus* documental que integra o banco de dados com os quais tenho trabalhado desde então no projeto de pesquisa em que este estudo se insere, no qual estão catalogadas/ transcritas mais de 423 notícias relativas à escola e a escolarização primárias no Distrito Federal. Para o estudo em tela, selecionaram-se somente aquelas em que o assunto eram as carências materiais das escolas-classe de Brasília, que constituem o *corpus* específico que iremos interrogar.

A narrativa histórica aqui desenvolvida divide-se em três partes. Na primeira, nos dedicaremos à análise das carências materiais dos espaços escolares, na sua dimensão estrutural. Na segunda parte, a atenção será colocada nas carências materiais internas da escola, relativas à falta de materiais de secretaria, materiais escolares e mobília. Ao final, serão tecidas algumas considerações, a título de conclusão.

## **1. As carências materiais dos espaços escolares**

Começamos por uma notícia de 1969. Quase uma década após o começo da implantação do sistema de ensino, as carências materiais dos espaços escolares das escolas-classe da capital parecem ter se intensificado, tornando-se, nesse ano, pauta recorrente no *Correio Braziliense*. Em 7 de fevereiro, logo no início do ano letivo, a denúncia era sobre a situação da Escola-Classe da Quadra 705 Norte:

Desde maio do ano passado que a Escola Classe da Quadra 705, da Asa Norte Comercial, apresenta o aspecto que a foto mostra, com seus vidros totalmente quebrados. Segundo uma professora daquela escola, os vidros foram quebrados e a Secretaria de Educação e Cultura do DF não tomou qualquer providência para o conserto. Apesar das aulas continuarem normalmente, a falta dos vidros vem causando

transtornos porque a água penetra no interior da escola. Na foto, o aspecto em que se encontra a Escola Classe da 705 norte (Escola em abandono, 1969, p. 10).

Segundo histórico levantado pela Fundação Educacional de Brasília, “esta escola iniciou suas atividades em 1961, sendo conhecida, inicialmente, como Escola Provisória Número 1 da Asa Norte e Escola-Classe da SQ 705 Norte. Sua primeira responsável foi a professora Maristela Barbosa de Almeida” (FEDF, 1985, p. 155). Assim, a escola em questão contava, em 1969, com oito anos de funcionamento e, possivelmente, já não era mais provisória. O reclame para que seus vidros fossem repostos é forte indicativo disso, já que não haveria sentido em solicitar consertos a um edifício provisório. Fato é que, segundo uma professora daquela escola – que parece ser uma das informantes da notícia – o estabelecimento estava sem vidros há quase um ano, causando grandes transtornos para o desenvolvimento das atividades pedagógicas, especialmente por ocasião das chuvas, “porque a água penetra no interior da escola”.

Para endossar a denúncia, o jornal incluiu uma foto da fachada da escola, que, devido à baixa resolução da digitalização feita a partir de microfímes não pode ser reproduzida aqui, mas merece, ao menos, uma descrição. Trata-se de uma tomada do prédio destacando a grande quantidade de basculantes nas paredes, próximas ao teto, circundando o edifício, o que sugere serem inúmeras as janelas carecendo de vidros, dado que reforça a gravidade da situação enfrentada pelo estabelecimento escolar. Não seria um ou outro recinto que estava exposto à ação do tempo, mas a totalidade do espaço escolar. O problema era que a Secretaria de Educação e Cultura, órgão da Fundação Educacional de Brasília, não tomou nenhuma providência em relação a essa demanda, razão pela qual a reclamação era feita no periódico de circulação local. Ao mesmo tempo em que a notícia demandava providências, deixava, nas entrelinhas, subentendido aos leitores que a conservação daquele edifício escolar não vinha sendo feita com regularidade por quem era de direito, ocasionando limitações ao funcionamento da instituição desde maio do ano anterior.

Em 23 de fevereiro de 1969 foi a vez de serem feitas reclamações sobre a situação material do entorno da Escola-Classe 312 Norte, por causa de buracos existentes ao lado do edifício da escola:

Dois buracos, com profundidade superior a dois metros cada um, permanecem há vários meses ao lado da Escola Classe da Superquadra 312, onde também funciona um jardim de infância, pondo em risco a segurança das crianças. Os responsáveis pelos alunos daquela escola têm feito vários apelos à NovaCap, segundo nos informam, no sentido de que sejam fechadas aquelas crateras. A preocupação dos pais aumenta quando chove, pois os buracos enchem-se de água, havendo o perigo de afogamento para uma criança menos advertida (Perigo, 1969, p. 2)

De acordo com dados da Fundação Educacional do Distrito Federal, a Escola-Classe 312 norte “iniciou suas atividades em 13 de fevereiro de 1967, no subsolo do antigo bloco K da SQN 312” (FEDF, 1985, p 139). Começou a funcionar, com efeito, de forma improvisada, sem edifício próprio, numa quadra que estava ainda em construção. A procura foi grande, de modo que “em 17 de maio do mesmo ano, visando atender melhor a demanda de alunos, obteve-se autorização da CODEBRÁS<sup>4</sup> (proprietária do bloco) para utilizar um dos apartamentos como extensão da escola” (FEDF, 1985, p. 139). Somente em “29 de fevereiro de 1968 é que a Fundação recebeu as novas instalações da escola” (FEDF, 1985, p. 139).

A escola abordada nas páginas do *Correio Braziliense*, assim, era uma construção nova, com menos de um ano de inauguração. Não apresentava problemas em sua estrutura propriamente dita, mas no seu entorno, por conta de dois buracos “com profundidade superior a dois metros cada um” que colocavam em risco a segurança dos estudantes, especialmente dos menores, já que ali funcionava provisoriamente um jardim de infância. Por tratar-se de problema externo ao edifício, o apelo dos pais vinha sendo lançado à NOVACAP, que até aquele momento, não tomara nenhuma providência para resolver o problema, que aumentava por ocasião das chuvas, “pois os buracos enchem-se de água, havendo o perigo de afogamento para uma criança menos advertida”.

Uma das características do planejamento educacional de Brasília era que, sendo as escolas construídas nas proximidades das residências dos estudantes, no interior das chamadas quadras residenciais, estes, com idades entre 7 e 14 anos, poderiam dirigir-se sozinhos à escola, desenvolvendo autonomia e independência (Pereira e Rocha, 2011). Daí a preocupação dos pais, já que os buracos no entorno da escola colocavam em risco essas crianças que a ela se dirigiam sozinhas e que, em momentos de desatenção, poderiam vir a cair neles. Os buracos eram um obstáculo material em duplo sentido: colocavam em perigo a integridade física das

---

<sup>4</sup> Coordenação do Desenvolvimento de Brasília, órgão responsável pelo planejamento da ocupação urbana de Brasília.

crianças ao mesmo tempo que atrapalhavam a realização de um dos ideais educativos do sistema de ensino brasileiro, a independência e autonomia infantis. Por isso a queixa ter, também, dupla significação: por um lado, visava cobrar que a segurança das crianças fosse garantida, por outro, que os ideais pedagógicos da cidade pudessem ser alcançados.

Nos ocupemos de outro caso que estampou as páginas do *Correio Braziliense*, o da Escola-Classe 403 norte, que ameaçava cair. Lemos na edição de 29 de julho de 1969:

Com rachaduras enormes em todas as paredes e no teto, ameaça desabar a qualquer momento a Escola Classe da SQN 403, onde estudam 400 alunos, desde criancinhas de quatro anos de idade até adultos do curso de alfabetização noturna. A escola foi construída há seis anos e há cinco começaram a surgir as primeiras rachaduras. Tem sido feitos só pequenos reparos, que não chegam a remediar a situação, que ora se apresenta como das críticas, inspirando receio nas funcionárias que lá trabalham e medo nas mães das crianças, que já pensam em formar uma comissão de pais para agir no sentido de que se tome uma providência, antes do reinício das aulas no próximo dia quatro (Escola ameaça cair, 1969, p. 14).

Recorrendo novamente a dados da Fundação Educacional do Distrito Federal, descobrimos que a Escola-Classe 403 norte foi “inaugurada em 9 de agosto de 1963” e “iniciou suas atividades escolares em 1º de agosto de 1963, sob a direção da professora Elza de Souza Prado Costa Lima” (FEDF, 1985, p. 143). Em 1969 a escola contava com seis anos, como ressaltava a notícia, sendo que, desde seu segundo ano de funcionamento, “começaram a surgir as primeiras rachaduras” que, agora, tornaram-se “rachaduras enormes em todas as paredes e no teto” a ponto de a escola poder desabar a qualquer momento. A situação, sem sombra de dúvida, era a negação absoluta de tudo o que a moderna arquitetura escolar, conforme estudada por Samira Bueno Chahin (2018), queria para as escolas de Brasília: qualidade, funcionalidade, segurança e modernidade. Até o momento de publicação da reportagem, somente reparos pontuais e insuficientes haviam sido feitos no edifício, a ponto de agora os pais estarem pensando em formar uma comissão “para agir no sentido de que se tome uma providência, antes do reinício das aulas no próximo dia quatro”.

Ao que parece, uma solução intermediária foi dada pela Fundação Educacional de Brasília: a transferência dos estudantes da Escola-Classe 403 norte para a Escola-Classe 411 Norte até que a primeira escola fosse reformada. A situação em fins de 1969, porém, era ainda



problemática, como relata o jornalista Ari Cunha em sua coluna *Visto, Lido e Ouvido* de 7 de dezembro de 1969:

O DRAMA DE QUEM ESTUDA NA ASA NORTE. – O mais certo seria mesmo apresentar os votos de boas-vindas ao Secretário da Educação, e é isto que estamos fazendo.

Como é hábito gaúcho ouvir uma história e dizer “a propósito”, e contar outra, vamos adotar o costume, já que pelo visto vamos ter muitos deles pelo planalto.

A propósito, secretário, foi construída uma escola classe na Superquadra 403 da Asa Norte, que logo ficou lotada. Depois, o prédio começou a ruir, e a escola foi evacuada. Os alunos passaram todos para a 411, e todas as facilidades foram criadas para que ninguém perdesse aula.

Os operários vieram em seguida e demoliram a parte que estava ruindo. Feito isto, guardaram as picaretas e desapareceram. Não vieram os construtores, e os meninos continuaram na 411 da mesma Asa. Ocorre, entretanto, que no começo do próximo ano letivo a 411 já terá alunos em número suficiente para a sua escola, porque muitos prédios foram habitados depois disto, e os da 403 sobrarão, certamente.

É comum a adoção do critério, certo, de que os alunos da quadra têm preferência sobre as vagas, e isto vai prejudicar em muito os da escola demolida. Como o tempo de férias é suficiente para a reconstrução, os pais fazem este apelo para que seja reaberta a escola.

A propósito da escola ruir, a escola classe do IPASE ameaçou ruir em 1960 e só foi recuperada em 1969. O que ninguém quer é que o fato se repita na Asa Norte, onde as escolas são poucas (Cunha, 1969, p. 3).

A Escola-Classe 411 da Asa Norte fora recém-construída em 1969 (FEDF, 1985), de modo que a solução de transferir os alunos da Escola-Classe 403 para lá era viável, já que ela só iniciaria seu funcionamento com matrícula de alunos da própria quadra em 1970 (FEDF, 1985). É dentro desse contexto que deve ser lida a denúncia do jornalista Ari Cunha, na sua coluna *Visto, Lido e Ouvido*.

Segundo o cronista, quando da mudança dos estudantes devido às precárias condições do prédio escolar oficial, “todas as facilidades foram criadas para que ninguém perdesse aula”. Dentre essas facilidades, provavelmente, deve ter estado a providência de transporte escolar, já que a distância entre a escola em ruínas e a escola nova é de aproximadamente 4,6 quilômetros, resultando num trajeto bem maior que aquele planejado para as escolas de Brasília por Anísio Teixeira (1961) e pelo urbanista Lúcio Costa (1991). O problema é que, enquanto a situação improvisada ocorria, a escola de onde vieram os alunos não deu andamento à sua reforma e, ao aproximar-se o ano letivo de 1970, haveria problema de superlotação da Escola-Classe 411, que passaria a funcionar com os estudantes da sua quadra e da quadra 403 Norte. O apelo era



para que, durante o período de férias, a reconstrução da primeira escola fosse concluída. Porém, havia o receio de que algo sucedido com outra escola, a do IPASE, que “ameaçou ruir em 1960 e só foi recuperada em 1969” se repetisse, dando a entender que as providências pela manutenção das escolas não eram tratadas em Brasília com a urgência que exigiam. Segundo o cronista, “ninguém quer que o fato se repita na Asa Norte, onde as escolas são poucas”.

O leitor atento deve ter notado que todas as notícias analisadas até aqui dizem respeito às carências materiais de escolas localizadas em um bairro específico de Brasília: a Asa Norte. De acordo com o plano urbanístico de Lúcio Costa (1991), a cidade, em formato de avião, possuía dois bairros residenciais principais, localizados em suas “asas”, o setor sul e o setor norte, que logo passaram a ser conhecidos como Asa Sul e Asa Norte. Ocorre que a Asa Sul é mais antiga, tendo seu processo de urbanização sido iniciado antes que a Asa Norte. Por essa razão, esta última, nos anos 1960, padeceu de acesso a serviços públicos e equipamentos comunitários, como as escolas. Seus moradores enfrentaram muitas dificuldades, no plano educacional, para que seus filhos tivessem acesso a boas escolas, por exemplo. Segundo permitem-nos observar as notícias examinadas até aqui, em 1969 a situação das escolas desse bairro era particularmente sensível: além de serem em pequeno número para a população que ali residia, várias delas enfrentavam sérios problemas materiais – escolas sem vidros, escolas rodeadas por buracos, escolas com rachaduras e demora na resolução de todos esses problemas por parte da Fundação Educacional do Distrito Federal. Num sistema de ensino pensado para ser democrático e de qualidade, o acesso, no período em tela, não o era: isso atestam as carências materiais denunciadas nas páginas do jornal *Correio Braziliense*. Mas, em outros momentos, como veremos a seguir, a Asa Sul também passou por dificuldades, embora em distintos aspectos materiais: as carências no interior das escolas.

## **2. As carências materiais do interior das escolas**

Outra faceta de cultura material escolar que se tornou objeto de denúncias nas páginas do *Correio Braziliense* foram as carências materiais do interior da escola, relativas à falta de materiais de secretaria, materiais escolares e mobílias. É importante ter presente que esses materiais não são meros acessórios, mas elementos importantes da maquinaria escolar (Varela; Alvarez-Uria, 1992), já que ajudam a delimitar e diferenciar o espaço escolar de outros espaços

sociais. Não só o prédio, mas os objetos com os quais este é provido, demarcam a forma escolar moderna (Vincent; Lahire; Thin, 2001) de transmissão do conhecimento.

Sobre a ausência de materiais de secretaria na Escola-Classe 308 Sul, vejamos o que foi veiculado na edição de 23 de setembro de 1961:

#### SEM TELEFONES

O problema educacional em Brasília, apesar de bem planejado, ainda apresenta pequenas falhas, notadamente na instalação das escolas primárias, a maioria das quais não possui aparelhos telefônicos.

Na Escola Classe da Super Quadra 308, por exemplo, junto à Escola Parque, existe um aparelho telefônico mudo porque a Novacap resolveu, inesperadamente, cortar a extensão que lhe servia. Quando a diretora desse educandário tem necessidade de se comunicar com algum pai de um de seus alunos ou vice-versa, a professora tem de se deslocar para a escola parque, distante cem metros aproximadamente (Estudantes de Brasília não poderão continuar seus estudos, 1961, p. 9).

Conforme a Fundação Educacional do Distrito Federal, essa foi “a primeira escola-classe a ser inaugurada e instalada no Plano Piloto. (...) Em 12 de setembro de 1959 iniciava suas atividades, sob a direção da professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois” (FEDF, 1985, p. 67). Assim, em 1961, contando com dois anos de funcionamento, a instituição encontrava problemas em um de seus espaços, a secretaria.

Como demonstraram Luciano Mendes de Faria Filho e Diana Gonçalves Vidal (2000), no processo de institucionalização da escola pública no Brasil, passou-se da escola que funcionava na casa do professor de forma às vezes improvisada para a escola funcionando em edifícios monumentais, na época dos grupos escolares, nas primeiras décadas republicanas. Nos anos 1960 esse tipo de edificação escolar se encontrava consagrada e inclusive experimentava novas transformações, com uma arquitetura mais funcional e moderna, como era o caso da Escola-Classe 308 Sul. A escola já não se resumia à sala de aula, mas demandava espaços auxiliares, como a secretaria, local de atividades burocráticas, mas também de comunicação entre os pais e as professoras e diretora. Daí que ela, a exemplo da sala de aula, precisava ser provida com determinados equipamentos que a tornassem funcional, dentre os quais estavam os aparelhos telefônicos.

Ocorre que, segundo a notícia do *Correio Braziliense*, a maioria das escolas primárias não possuía aparelhos telefônicos, o que certamente impunha limitações ao trabalho

administrativo dessas instituições, numa era em que a rápida comunicação se constituía em fator essencial para a eficiência dos serviços públicos, como era o caso da educação. Em se tratando da Escola-Classe 308 Sul, o equipamento que a atendia (uma extensão telefônica) foi desativado pela Novacap e agora, quando havia a necessidade de comunicação com os pais, era preciso recorrer ao telefone da Escola Parque, que funcionava nas proximidades. A matéria, embora não faça uma crítica direta às autoridades – bem de acordo com o caráter chapa branca que o jornal possuía nesses seus primeiros anos de circulação –, de forma implícita, registra essa carência, talvez, na expectativa de que ela fosse solucionada, para que a escola, assim, pudesse funcionar adequadamente, inclusive, no que dizia respeito aos trabalhos de sua secretaria. Se o apelo velado foi ouvido, não sabemos, mas o registro atesta essa demanda de ordem material da escolarização.

Em 1964, era a Escola-Classe 304 sul que sofria com a falta de papel para as provas, tinta para o mimeógrafo e mobílias, conforme edição de 26 de setembro de 1964:

Também papel para as provas mensais, ainda este ano não receberam uma folha. As professoras têm dado de seus vencimentos. Falta ainda a tinta e o estêncil para o mimeógrafo onde as questões são impressas. (...) Os móveis também estão em precárias condições havendo mesmo alunos que escrevem com o papel sobre a perna. Já foi feita a sugestão de que as carteiras quebradas fossem levadas para um dos ginásios industriais para serem recuperadas, sem nenhum ônus para a prefeitura. Foi prometido um estudo, mas ficou somente nisso. É de se lamentar que uma escola que funciona com oito turmas matutinas e oito vespertinas continue em tão deploráveis condições, sem que providência alguma seja tomada pelas autoridades competentes (Funcionando em condições precárias a Escola-Classe da Superquadra 304, 1964, p. 8).

A escola em tela foi construída em 1960 “e entregue à FEDF em 22 de fevereiro de 1961. Em 15 de março de 1961 foi inaugurada oficialmente e iniciou suas atividades sob a direção da professora Yvonne Zinn” (FEDF, 1985, p. 63). Em 1964 não era, portanto, uma escola recém-inaugurada, mas já contava com ao menos dois anos de atividades. E, ainda assim, naquele ano, padecia de um dos materiais mais elementares para os trabalhos escolares: papel. A situação era tal, que “as professoras têm dado dos seus vencimentos”, literalmente, pagando do próprio bolso para poderem trabalhar, numa situação de absoluta negação do sistema de ensino moderno e eficiente que queria ser aquele de Brasília. Além do papel, faltava também tinta e estêncil para o mimeógrafo, equipamento que era, naquele tempo, essencial para a

reprodução de conteúdos impressos para as aulas da instituição. Eram coisas “miúdas”, mas fundamentais dentro de uma sala de aula dos anos 60.

Os problemas materiais também se estendiam às carteiras escolares. Esse móvel, como demonstra a historiografia da educação (cf. Alcântara, 2014; Anjos, 2019, dentre outros) desde fins do século XIX tornou-se elemento central nas salas de aulas ditas modernas, garantindo o conforto ergonômico e as condições físicas básicas para as atividades de escrita e de leitura, saberes elementares (Hébrard, 1990) das escolas primárias. Discutida em congressos educacionais, como o ocorrido no Império em 1883 (Barbosa; Anjos, 2020), era, quase um século depois, ponto pacífico e incontornável para o funcionamento de uma sala de aula. Na Escola 304 Sul, porém, a situação era de absoluta negação de toda essa maquinaria pedagógica: os móveis estavam em tão mau estado, que havia alunos escrevendo com o papel sobre a perna, pela falta de carteiras escolares. Estas, por sua vez, quando estragavam, não eram consertadas na mesma velocidade com que se inutilizavam, sendo inclusive ignorada a sugestão de que fossem recuperadas pela Escola Industrial de Taguatinga, sem ônus algum aos cofres públicos. A situação era considerada lamentável pelo *Correio Braziliense*, ainda mais por se tratar de uma escola “que funciona com oito turmas matutinas e oito vespertinas”, ou seja, atendendo a um número elevado de estudantes, que eram impedidos de tirar todo proveito do ensino dadas as carências materiais da escola.

Folheamos agora a edição do *Correio Braziliense* de 18 de fevereiro de 1967. Na parte inferior da primeira página, vemos a seguinte nota:

Enquanto isso, na escola classe da 410 sul, inaugurada em outubro do ano passado e que entrou em funcionamento dia 15 último, centenas de crianças se acomodam como podem – sentando-se no chão e escrevendo sobre as pernas ou sobre o assento das cadeiras. O piso também serve de apoio para os cadernos, até que a escola receba as carteiras que se esqueceram de mandar para lá (Enquanto isso..., 1967, p. 1).

Era o começo do ano escolar de 1967. A escola citada na matéria, de fato, era recém-inaugurada, mas começou a funcionar a “toque de caixa”, sem estar ainda devidamente aparelhada para receber os estudantes que deviam frequentá-la. Se por um lado isso confirma a altíssima demanda por escola que havia nesse período, mostra que, por outro lado, era a título precário que muitas vezes ela era atendida. O resultado, é o citado na nota de capa do *Correio Braziliense*: centenas de crianças se acomodam como podem, “sentando-se no chão e

escrevendo sobre as pernas ou sobre o assento das cadeiras”, tudo porque a escola não fora provida com a quantidade de carteiras necessárias, que, segundo a nota, “se esqueceram de mandar para lá”. Descontado o tom irônico, fato é que de novo o essencial estava em falta numa escola de Brasília, situação denunciada pelo periódico local.

A nota que lemos é legenda de uma fotografia que, apesar de qualidade mediana, foi possível reproduzir aqui:

Figura 1 – Alunos da Escola-Classe 410 Sul escrevendo como podem



**Fonte:** *Correio Braziliense*

A fotografia acima, como todo registro fotográfico, “... pode ser tomada como uma forma de representação de mundo, produzida em uma época (é sempre um testemunho do passado), transpassada de valores, expectativas e imaginários, que, em conjunto, fornecem o significado amplo da realidade que ela quer representar.” (Anjos, 2015, p. 270). Por essa razão, “a realidade representada em uma imagem fotográfica bem como os sentidos e significados que dela decorrem, só são compreendidos quanto tomados como resultado da ação dos sujeitos que a constroem, propõem e a interpretam” (Anjos, 2015, p. 271).

A fotografia em evidência opera com uma representação de uma sala de aula, familiar aos leitores do *Correio Braziliense*, já que com frequência cenas do cotidiano escolar tingiam as suas páginas. Aqui, porém, a imagem rompe com a representação habitual: ao invés de crianças sentadas em suas cadeiras, trabalhando ordenadamente e mirando atentas um quadro parietal – como determina a forma escolar moderna –, vemos um certo caos, onde alguns

279

sentam-se no chão, outros escrevem em uma cadeira, outras ainda parecem absortas em pensamentos longínquos em relação ao que acontecia na sala de aula. A intenção do fotógrafo, provavelmente, era demonstrar a confusão que a falta de mobília acarretava para o dia a dia de uma escola, como a endossar a urgência dela ser provida com as carteiras que estavam em falta. Juntos, texto e imagem eram uníssonos em denunciar as carências de mais uma escola-classe de Brasília, ao mesmo tempo em que, de forma discreta, bem de acordo com o projeto editorial do jornal, cobravam das autoridades providências.

### **Considerações finais**

Este artigo teve por objetivo investigar as denúncias sobre as carências materiais das escolas-classe de Brasília, conforme veiculadas nas páginas do jornal diário *Correio Braziliense*, entre os anos de 1961 e 1969 (datas balizadoras dentre das quais foram encontradas referências a esse fenômeno no periódico).

Apesar de se tratar de um sistema novo de ensino, ao longo de sua primeira década de existência, inúmeras foram as dificuldades materiais enfrentadas pelas escolas-classe de Brasília. Foram identificadas duas ordens de carências: as de caráter estrutural, nos espaços escolares e as carências materiais no interior das escolas. Em termos estruturais, particularmente no Bairro da Asa Norte, as escolas-classe enfrentavam problemas como falta de vidros, buracos no seu entorno e falta de reparos nos edifícios escolares em funcionamento. No que toca às carências do interior das escolas, no bairro da Asa Sul, faltavam telefones, papel, cadeiras e carteiras, o que tornava desafiador o exercício da profissão docente e o processo de escolarização primária em vários momentos ao longo da década de 1960. Por meio de suas denúncias, o jornal *Correio Braziliense*, mais do que registrar tais acontecimentos, parece ter procurado sensibilizar as autoridades para que dessem solução às carências materiais das escolas-classe que de tempos em tempos tingiam suas páginas.

Para além do que pode ser identificado neste estudo, em investigações futuras, a partir de outras fontes – como as existentes nos arquivos das escolas-classe de Brasília – seria interessante mapear outras demandas materiais que podem ter caracterizado a cultura material escolar dessas instituições, bem como indícios de como a Fundação Educacional do Distrito Federal possa ter se posicionado diante delas. Os dados aqui reunidos são um ponto de partida e convite a outras investigações sobre a temática.



## Referências

- ALCÂNTARA, W. R. R. **Por uma história econômica da escola: a carteira escolar como vetor de relações** (São Paulo, 1874-1914) (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- ANJOS, J. J. T. Ari Cunha e as críticas ao sistema de ensino de Brasília na coluna Visto, Lido e Ouvido (Correio Braziliense, 1960-1965). **História da Educação**. Porto Alegre, v. 26, p. 1-25, 2022b.
- ANJOS, J. J. T. Desfiles cívico-escolares no Estado Novo: uma interpretação pelas fotografias. **Acta Scientiarum Education**. Maringá, v. 37, n. 3, p. 269-276, set.-dez. 2015.
- ANJOS, J. J. T. O Inep e o planejamento do sistema público de ensino de Brasília nos anos 1950. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 103, n. 263, p. 87-94, jan.-abr. 2022a.
- ANJOS, J. J. T. O jornal “Correio Braziliense” como fonte para a história das culturas escolares em Brasília (1960-1971). In: BERTOLETTI, E. N. M.; ZIMMERMAN; T. R. (orgs.) **Fontes históricas em perspectivas situadas: Limiares de pesquisas e ensinabilidades em educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022c, p. 37-54.
- ANJOS, J. J. T. Para uma história da protoindústria escolar no Brasil Império: a fábrica Röhe & Irmãos e seus bancos-carteira. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 35, n. 76, p. 71-94, 2019.
- BARBOSA, E. B. L.; ANJOS, J. J. T. Questão de materialidade: a carteira escolar no Congresso da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1883). **Revista Educação & Emancipação**. São Luís, v. 13, p. 113-136, 2020.
- CHAHIN, S. B. **Cidade nova, escolas novas?** Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- COSTA, L. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília: GDF, 1991.
- CUNHA, A. Visto, Lido e Ouvido. **Correio Braziliense**. Brasília, 7 dez. 1969, p. 3.
- ENQUANTO ISSO... **Correio Braziliense**. Brasília, 18 fev. 1967, p. 1.
- ESCOLA AMEAÇA CAIR. **Correio Braziliense**. Brasília, 29 jul. 1969, p. 14.
- ESCOLA EM ABANDONO. **Correio Braziliense**. Brasília, 7 fev. 1969, p. 10.
- ESTUDANTES DE BRASÍLIA NÃO PODERÃO CONTINUAR SEUS ESTUDOS. **Correio Braziliense**. Brasília, 23 set. 1961, p. 9.
- FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n. 14, p. 19-34, mai.-ago. 2000.
- FEDF. **Escolas da FEDF**. Volume 1. Brasília: Fundação Educacional do Distrito Federal, 1985.



FUNCIONANDO EM CONDIÇÕES PRECÁRIAS A ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 304. **Correio Braziliense**. Brasília, 26 set. 1964, p. 8.

GDF. **40 anos de educação em Brasília**. Brasília: Governo do Distrito Federal, 2001.

GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1991, p 169-178.

HÉBRARD, J. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 2, p. 65-110, 1990.

MARTINS, A. F. O ensino de artes nas Escolas Parque. In: PEREIRA, E. W. *et al.* (orgs.) **Nas Asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa (1956-1964)**. Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 231-252.

MORAES, C. F. **As competências legais da gestão do sistema de ensino nos primórdios de Brasília (1959-1960)**. (Monografia de Graduação em Pedagogia). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2019.

MORELLI, A. L. F. **Correio Braziliense: 40 anos – do pioneirismo à consolidação**. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

PEREIRA, E. W.; ROCHA, L. M. F. **Anísio Teixeira e o Plano Educacional de Brasília**. Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora da UnB, 2011, p. 27-46.

PERIGO. **Correio Braziliense**. Brasília, 23 fev. 1969, p. 2.

PINTO, V. F. F.; MÜLLER, F.; ANJOS, J. J. T. Entre o passado e o presente: contrastes de acesso à educação infantil no Distrito Federal. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 39, p. 1-24, 2018.

PINTO, V. F. F.; MÜLLER, F.; ANJOS, J. J. T. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos jardins de infância (1960-1962). **Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 17, p. 292-313, 2020.

TEIXEIRA, A. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, jan.-mar. 1961.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 6, p. 225-246, 1992.

VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

WIGGERS, I. D. **Memórias da Escola Parque de Brasília**. Brasília: Editora da UnB, 2023.